



Peregrinos no caminho da esperança: desafios teológicos e implicações sociopastorais

Pilgrims on the path of the hope: theological challenges and socio-pastoral implications

Cesar Kuzma ^[a]

Curitiba, PR, Brasil

^[a] Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Programa de Pós-graduação em Teologia e Curso de Teologia.

Como citar: KUZMA, C. Peregrinos no caminho da esperança: desafios teológicos e implicações sociopastorais.

Revista Pistis & Praxis, Teologia e Pastoral, Curitiba: Editora PUCPRESS, v. 17, n. 02, p. 214-226, maio/ago. 2025. DOI: <https://doi.org/10.7213/2175-1838.17.002.DS01>

Resumo

O artigo que aqui apresentamos é motivado pelo Jubileu de 2025 e pelas intenções levantadas pelo papa Francisco na convocação deste Ano Jubilar, chamando a todos e todas para serem peregrinos da esperança. Desta maneira, nosso objetivo é refletir sobre este caminho e apontar desafios e implicações sociopastorais decorrentes deste modo de esperar, condições próprias de uma Igreja que se faz profética e que se compreende em saída e sinodal. Metodologicamente, seguiremos por uma pesquisa bibliográfica, atenta ao magistério recente e na contribuição de autores e autoras, para que, de forma qualitativa, dialética e crítica, possamos avançar com nossa contribuição. Dividiremos o nosso artigo em três partes: primeiramente, trataremos do convite à esperança e no chamado para compreender o tempo em que estamos vivendo. Depois disso, abordaremos os desafios da esperança, situações que nos chegam da sociedade e que nos

^[a] Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Professor-pesquisador do Programa de Pós-graduação em Teologia e do Curso de Teologia da PUCPR, e-mail: cesar.akuzma@pucpr.br; Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2533-6323>

obrigam a perceber de forma profunda o conteúdo de nossa esperança, que é Cristo, ressuscitado-crucificado. Por fim, trataremos do profetismo da Igreja, característica exigida para este peregrinar em esperança. Entendendo que o contexto atual nos desafia e que a esperança cristã oferece caminhos de abertura, a acolhida deste tempo jubilar nos coloca na condição de serviço e de sermos agentes de transformação, suscitando esperança e sendo suporte para todos aqueles e aquelas que não podem mais esperar.

Palavras-chave: Esperança. Jubileu de 2025. Papa Francisco. Peregrinos.

Abstract

The article presented here is motivated by the Jubilee of 2025 and by the intentions raised by Pope Francis in his proclamation of this Jubilee Year, calling on everyone to be pilgrims of hope. In this way, our objective is to reflect on this path and point out the challenges and socio-pastoral implications arising from this way of hoping, conditions proper for a Church that is prophetic and understands itself as going forth and synodal. Methodologically, we will follow bibliographic research, attentive to recent Catholic teaching and the contribution of authors, so that, in a qualitative, dialectical, and critical way, we can move forward with our contribution. We will divide our article into three parts: first, we will address the invitation to hope and the call to understand the times in which we are living. After that, we will address the challenges of hope, situations that come to us from society, and that compel us to understand profoundly the content of our hope, which is Christ, risen and crucified. Finally, we will discuss the prophetic nature of the Church, a characteristic required for this journey of hope. Understanding that the current context challenges us and that Christian hope offers paths of openness, welcoming this Jubilee Year places us in a position of service and of being agents of transformation, inspiring hope and supporting all those who can no longer wait.

Keywords: Hope. Jubilee of 2025. Pope Francis. Pilgrims.

Introdução

O ano de 2025 nos insere nas celebrações do Ano Jubilar, chamado pastoralmente de Jubileu da Esperança, por conta do lema trazido por Francisco, que nos convida a sermos peregrinos, fazendo-nos perceber os desafios do nosso contexto e nos convidando a ações decorrentes deste modo de esperar.¹ É o que pretendemos com o título de nosso artigo: “Peregrinos no caminho da esperança: desafios teológicos e implicações sociopastorais”. Hoje, o mundo passa por transformações e as recentes configurações sociais e políticas, as crises, guerras e conflitos, questões do norte e sul global, as consequências da Pandemia, a realidade das pessoas, questões de perto e de longe, enfim, tudo o que nos cerca exige atitudes e atenção de esperança. Uma esperança que não nos decepciona (Rm 5,5), porque em sua base está Cristo e o seu Espírito vem a nós e nos toca profundamente. Neste contexto, ao mesmo tempo em que tudo está interligado, tudo se faz frágil e as mudanças são rápidas e atingem o concreto do viver das pessoas, sobretudo dos mais pobres e vulnerabilizados pelo sistema e pelos poderes de dominação. Assim, ao convidar à esperança e em atenção aos seus desafios, o papa teve em mente a força do ressuscitado, que é a fonte e a base do esperar; o conteúdo da fé, que nos aponta o caminho da cruz e o horizonte de seu Reino. Cristo, ressuscitado-crucificado, é a nossa esperança.

O ano de 2025 também será marcado como sendo o ano em que nos despedimos do papa Francisco. O papa que veio do fim do mundo, trouxe as periferias ao centro e insistiu numa Igreja que sai, que vai ao encontro e que está atenta a toda condição existencial e social – periferias da fé e da esperança. Nestes 12 anos de pontificado, fomos abrilhantados por discursos e documentos proféticos, como a *Evangelii Gaudium* (EG), a *Laudato Si'* (LS), *Fratelli Tutti* (FT) e tantos outros. Textos que se somaram e enriqueceram o magistério católico e que abriram a Igreja a uma nova etapa, com o processo sinodal e o compromisso com o tempo presente. Logo no início de seu ministério, Francisco insistiu para não deixarmos que nos roubem a esperança (EG, n. 86), e demonstrou proximidade a realidades que são urgentes. Sua concepção de esperança se fez encarnada, terrena, próxima, acolhedora da realidade e disponível no agir e no transformar, ao mesmo tempo em que transcendeu e nos convidou ao novo, numa espiritualidade que ainda hoje nos consagra e encoraja a seguir em frente. Esta esperança se abraça à fé e se lança à caridade, numa tríade necessária e que favorece uma experiência mística e profética da Igreja. Deus se faz próximo, e assim deve ser a Igreja, próxima, em saída e sinodal, num jeito interpelante, com compaixão e ternura.

Motivados então pelo Ano Jubilar e pelas provocações de Francisco, oferecemos este artigo com o objetivo de chamar a atenção para o caminho da esperança, ao qual devemos nos colocar como peregrinos. Peregrinar significa caminhar, e na linha de Francisco, este não é um caminhar solitário, mas em comunhão, no coletivo, de forma sinodal, sendo um para o outro suporte e apoio de esperança. Metodologicamente, seguiremos por uma perspectiva bibliográfica, tendo por base o magistério recente com o papa Francisco e as primeiras colocações do papa Leão XIV. Isso se enriquece com o aporte de autores e autoras que nos ajudam a compreender a realidade e a fazer uma teologia consequente, seguindo uma construção teológica de forma qualitativa, dialética e crítica. O nosso artigo será dividido em três partes: começando pelo convite à esperança, seguindo pelos desafios e chegando ao profetismo, como compreensões necessárias para se tratar da esperança, do peregrinar e no assumir as implicações sociopastorais.

Um convite à esperança

No dia 11 de fevereiro de 2022, o papa Francisco enviou uma carta ao arcebispo Rino Fisichella, pró-prefeito do Dicastério para a Evangelização, anunciando e pedindo a preparação para o Ano Jubilar de 2025, para o qual escolheu como lema: “Peregrinos da Esperança” (Francisco, 2022). Em carta, o papa chamou a atenção para as graves realidades existentes e muitas delas ainda decorrentes da Pandemia da Covid-19 (ou que com ela ficaram mais

¹ Parte do conteúdo deste artigo serviu de base e foi apresentado na Aula Inaugural da Teologia da PUCPR, realizada no dia 18/08/2025, na PUCPR, em Curitiba, sob o título: “Interpelações teológicas da esperança e os desafios de uma nova práxis: olhando para o Jubileu de 2025”. O vídeo desta aula está disponibilizado no canal da PUCPR no YouTube: <https://www.youtube.com/live/qM17B1UJlc8>

evidentes), que de forma agressiva atingiram e atingem milhares de pessoas em todo o mundo, em especial os mais pobres e vulneráveis, os migrantes e refugiados, homens, mulheres e crianças, pessoas excluídas e desprovidas de direitos humanos e sociais, vítimas de guerras e inúmeros conflitos, vítimas da desigualdade, da intolerância, do racismo e da falta de caridade, bem como aqueles e aquelas que são atingidos e são mais vulneráveis com os desastres ambientais. Esta preocupação com a realidade e com aqueles e aquelas que sofrem é uma referência constante no Ensino Social da Igreja, pelas Encíclicas, discursos, ações sociais e pastorais em nível global e local, mas que no pontificado de Francisco, podemos dizer, encontrou um ressoar profético e exigente de uma Igreja que deve sair e ir ao encontro de todas as periferias que nos circundam e que nos interpelam na fé. Durante todo o tempo, Francisco falou de uma “Igreja em saída” (EG, n. 24) e esta igreja, naquilo que a orienta e a fundamenta, exige um desprendimento, um despojamento, uma abertura e sensibilidade a tudo o que a rodeia, pois ela se faz responsável.

Se olharmos para o pontificado de Francisco, mesmo antes da publicação da sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013), tivemos a sua viagem à Ilha de Lampedusa (Itália) e o chamar de atenção para a urgência que toca a situação dos migrantes e refugiados que perdem a sua vida no mar Mediterrâneo (e em outros lugares e fronteiras). Naquela ocasião (2013), Francisco falou de uma “globalização da indiferença”, que fere e mata, impedindo pessoas do seu direito primeiro, que é viver, existir, com todas as condições necessárias para que isso possa ocorrer. Este evento em Lampedusa é considerado por alguns estudiosos como a “primeira encíclica” de Francisco (Albini, 2013), uma encíclica não escrita, mas vivida e assumida como gesto profético e que torna característica aquilo que deve ser uma “Igreja em saída” (Kuzma, 2021a, p. 207). Este olhar e acusação social se fizeram presentes na *Evangelii Gaudium*, ao descrever os dramas da vida atual e ao apontar para a dimensão social da Evangelização (EG, n. 176), como algo que jamais pode ser desprezado. Contudo, olhando para este período de 12 anos que se encerrou em 2025, observamos que esta atitude de atenção e cuidado sociopastoral foi uma característica de todo o seu pontificado, percebida em cartas, discursos e documentos, quando muitos foram os exemplos deste olhar.

Destacamos:

- 1) Aquilo que foi trazido nas Encíclicas *Laudato Si'* (2015) e *Laudate Deum* (2023) sobre a questão ambiental e os desafios climáticos e aqueles e aquelas que se tornam as maiores vítimas destes descasos e desastres, e aí o chamado para a questão socioambiental (LS, n. 139), pois o grito da terra é o grito dos pobres (LS, n. 49; também: Boff, 2015).
- 2) Seus discursos para os movimentos sociais, em especial o que foi proferido em 2015, na Bolívia, onde falou que devemos dizer “não” a uma economia que mata e enfatizou os seus famosos “3 Ts”: teto, terra e trabalho para todos (Francisco, 2015); soma-se a isso a inclusão social dos pobres, que deriva de uma fidelidade evangélica e que constitui um lugar privilegiado da ação da Igreja e de encontro com a esperança (EG, n. 186-201).
- 3) Vimos isso no seu discurso em favor dos direitos humanos e na construção de uma fraternidade e amizade social, no amor político (*Fratelli Tutti*, 2020), na defesa de grupos vulnerabilizados, discriminados e de precarização social, no olhar para países periféricos e do sul global, na defesa da pessoa e de seus direitos, na defesa do meio ambiente e na atenção para o clima, dentre outras ações e olhares que também a nós nos interpelam e incomodam.

Se observarmos bem, a dimensão de saída que Francisco propôs reforçou a atitude missionária que é de toda a Igreja, portanto, de todos e todas. Há um impulso que vem de dentro e que é sentido pela força do Espírito que age em nós, mas há um grito que vem de fora, que nos chama, que nos interpela, que nos incomoda e que reclama a nossa atenção e cuidado (Kuzma, 2018, p. 40). Não é possível ser indiferente, pois todos estamos envolvidos e devemos ter disposição para cuidar e proteger o que chamamos de “casa comum” (LS, n. 14).

Foi dentro deste contexto que Francisco propôs uma Igreja em saída e uma Igreja sinodal, como duas condições intrínsecas que se articulam e se fortalecem. O mesmo sentimento pode ser observado com o papa Leão XIV, que, como bispo, foi participante do processo sinodal, e, como papa, em sua primeira reunião com a Secretaria Geral do Sínodo, encorajou a todos e todas para que seguissem com este percurso iniciado por Francisco e que agora

necessita colher os frutos deste trabalho (Leão XIV, 2025a). Este caminho de uma Igreja em saída e sinodal aponta para a esperança, nos seus apelos e sinais, em atenção aos gritos de ontem e de hoje, como um convite: um convite à esperança. Na reabertura das audiências jubilares e no refletir sobre a esperança, Leão XIV disse: “Ouçamos o clamor da carne, escutemos a dor do próximo que nos chama pelo nome” (Leão XIV, 2025b). Notamos que a sensibilidade para o social, para o cuidado, em atenção aqueles e aquelas que sofrem faz parte da missão da Igreja e é neste horizonte que deve estar alicerçada a nossa esperança, pois Cristo [sofredor] se faz presente neles/nelas e a fé não nos permite ser indiferentes. Em sinodalidade e em saída caminhamos juntos a este cuidado, a este serviço, a esta missão.

Então, se hoje estamos pensando em articular sobre o Jubileu da esperança, tal atitude não é possível sem refletir todo este movimento eclesial/pastoral que fomos chamados a aprender e a empreender. Há um processo, há uma relação. A esperança que somos convidados a levar e a educar, como uma proposta, exige o compromisso de todos e todas, portanto, é sinodal; exige um engajamento com as urgências do mundo, para questões concretas, portanto, é em saída. A esperança que pensamos e projetamos é uma esperança que se faz missionária e coletiva, ela é responsável e é força de ação, mas que é precedida como força de união. Em saída e sinodal. Trata-se de uma esperança sensível, que está atenta a tudo o que a envolve e é capaz de mobilizar e tocar feridas e repensar estruturas. Diante dos desafios de nossa sociedade, a esperança também nos desafia.

Desafios à esperança

A esperança que aqui refletimos e que nos orienta nesta saída responsável não é um sonho, uma ilusão, ou simplesmente um sentimento, ela é um pensar para frente, uma projeção de algo novo, uma força que nasce de momentos difíceis e que nos faz crer que outra realidade é possível. A esperança não aliena, ela alimenta e abre caminhos. Ela não nos fecha à realidade, ao contrário, ela cresce da realidade, da realidade sofrida, ali ela é interpelada por esta situação, que dá a ela a sua força e a sua imaginação. Uma imaginação que ousa pensar e criar algo que seja novo, algo diferente, com vida, e vida nova. Em 2020, por exemplo, durante a Pandemia da Covid-19, Francisco lançou a Encíclica *Fratelli Tutti*, como um chamado à *fraternidade universal* e a *responsabilidade social* de cada pessoa. No capítulo primeiro, Francisco falou dos problemas urgentes e disse que a Pandemia da Covid-19 nos pegou num momento delicado, sério, pois estávamos rodeados em inúmeros problemas estruturais e com a pandemia estes problemas se tornaram maiores. Insistiu que a pandemia fez observar outras pandemias, como a desigualdade, a intolerância, a violência, a indiferença, o descaso etc. Hoje, depois de 5 anos deste episódio e tendo o Brasil sido uma das maiores vítimas desta doença, pela doença em si e por descaso político, é impossível falar de qualquer tema sem ter este momento triste como um marco referencial. A vida, como um dom maior, não pode ser desprezada, mas deve ser cuidada e protegida. A dignidade humana, como um direito e um dever para todos e todas (um pilar da moral cristã), não pode ser negligenciada, mas apoiada, valorizada e protegida. A sociedade, frágil em suas estruturas, deve ser transformada para que seja capaz de garantir a vida, o direito, a justiça e a liberdade, para todos e todas.

Diante de tudo isso, somos convidados a falar de esperança. E se somos chamados a falar de esperança é porque a realidade em que vivemos traz desafios e interpelações ao conteúdo daquilo que esperamos, à realidade que buscamos e ao sentido daquilo que somos e que somos chamados a ser. O ser humano não é um ser acabado, mas uma expressão daquilo que ele é chamado a ser, numa condição antropológica e escatológica que o enche de sentido e significado. O ser humano é pessoa e sua condição o chama a uma transcendência, a um realizar-se sempre novo, a um abrir-se a uma realidade nova e eterna, que (para nós cristãos) em Cristo revela toda projeção e destino último do ser. Contudo, o ambiente atual é desafiador e a percepção da humanidade se faz frágil. Há a urgência de um novo humanismo, como nos disse e pediu o papa Francisco (Francisco, 2019), e hoje vemos de forma tão evidente a presença de uma desumanização, com graves consequências e evidências já atuais. O filósofo e teólogo coreano Byung-Chul Han (2015) diz que vivemos em uma sociedade marcada pelo medo e pelo cansaço, e esta permanente tensão ocasionada pelo medo e cansaço é uma situação que nos impacta e nos obriga a um olhar de esperança (Han,

2024). Não é um otimismo apenas, como um sentimento de algo que pode ser novo e melhor, mas um olhar novo para a realidade que vivemos e que ousamos pensar e fazer nova. A esperança toca e mexe com as estruturas.

Com base em Ernst Bloch, Byung-Chul Han (2024, p. 52) fala de uma esperança como um “sonho diurno”, que nos faz olhar para a frente e encoraja um caminho de esperança, naquilo que pode vir a ser. Ainda segundo o seu pensamento, ele diz que vivemos hoje em uma crise de sociedade e de humanidade, de ameaças políticas globais, visões apocalípticas, crises ambientais, desastres, a questão econômica e neoliberal e a crescente ameaça de novas lideranças políticas de uma extrema-direita (global e local) que colocam em risco valores e princípios, direitos e conquistas que são históricos (Han, 2024). Há um colapso civilizacional, como dizem alguns autores (Zibechi, 2020; Stengers, 2017), o que torna o nosso discurso sobre a esperança algo mais urgente e necessário. Diante destes inúmeros desafios atuais, o ser humano se torna, pois, um ente descartável, um sobranter vulnerável e desprovido de vida e de direitos sobre a própria vida. Judith Butler, filósofa norte-americana, chama a atenção para a precariedade da vida humana e como que a atual sociedade faz com que algumas vidas se tornem mais precárias, mais vulneráveis (ou vulnerabilizadas) do que outras, o que exige de nós um compromisso ético, uma atenção humana (Butler, 2022, p. 39-72), e aqui dizemos, também teológica. Este é o enfoque dos estudos de Carolina Montero (2022), teóloga chilena e que aqui acolhemos, pois ela afirma que a integração da vulnerabilidade como categoria ético-teológica é algo fundamental e urgente. Observando estes aspectos que nos desafiam, entendemos que isso nos conduz à capacidade de recuperar o sentido da vida e do mundo e, assim, abrir um tempo de esperança para todos nós.

É o que nos leva a olhar com alegria e porque não dizer, com esperança (júbilo), o conteúdo do que nos foi proposto por Francisco neste ano jubilar, onde somos chamados a ser *peregrinos da esperança*, uma esperança que não nos engana, que não nos decepçiona, como diz o título da bula papal para o Jubileu de 2025, extraído da Carta de Paulo aos Romanos (5,5): *spes non confundit*.

Já na primeira parte da bula papal, Francisco (2024) nos diz:

Todos esperam. No coração de cada pessoa, encerra-se a esperança como desejo e expectativa do bem, apesar de não saber o que trará consigo o amanhã. Porém, esta imprevisibilidade do futuro faz surgir sentimentos por vezes contrapostos: desde a confiança ao medo, da serenidade ao desânimo, da certeza à dúvida. Muitas vezes encontramos pessoas desanimadas que olham com ceticismo e pessimismo para o futuro, como se nada lhes pudesse proporcionar felicidade. Que o Jubileu seja, para todos, ocasião de reanimar a esperança! (Francisco, 2024, n. 1a).

Nesta frase do início da bula papal, vemos que, para Francisco, a esperança é uma força capaz de mobilizar as pessoas para uma nova etapa e que, para nós cristãos, ela não está dissociada da evangelização e da forma como nós nos sentimos como Igreja. Não é à toa que para o Jubileu de 2025, a preparação foi pensada por meio da oração e de estudos dos documentos do Vaticano II, com a intenção de encorajar, animar e fortalecer a vida e ação de nossas comunidades. O papa pediu que este Ano Santo fosse preparado e celebrado com “fé intensa, esperança viva e caridade operosa” (Francisco, 2022). Ao olharmos com atenção tudo o que envolveu este pontificado, o Jubileu veio a se somar com tudo aquilo que implica ser uma Igreja em saída, que de forma sinodal atende e se faz sensível a tudo o que a cerca, às periferias. Nesta frase, em destaque acima e que extraímos da bula papal, vemos que a esperança aparece como um dom, como virtude, algo que está dentro do coração de cada pessoa e que brota como semente de um novo tempo. Ao mesmo tempo, o medo, o desânimo, a dúvida, são obstáculos para o exercício da esperança, como um sinal realmente transformador. Por esta razão, a esperança também é força, ela é compromisso, é atitude capaz de gerar ações novas e um novo tempo. Francisco nos pede, então, para “reanimar a esperança” (Francisco, 2024, n. 1b).

Para o Jubileu, esta esperança é uma *palavra*, é um *caminho*, ela tem *sinais* e ela tem *apelos*. Na sua base cristã, ela se faz um ponto sólido, pois é ancorada numa força maior, que transcende da ressurreição e que anima e encoraja na transformação de um novo mundo. Esta palavra e caminho de esperança, estes sinais que nos encorajam, não podem ser observados sem os apelos que nos chegam de todas as partes e que são desafios, desafios à esperança.

Trazendo estes desafios como interpelações para a realidade da América Latina e do Brasil (onde estamos inseridos), é importante dizer que esta atenção sempre fez parte do discurso teológico que se firmou em linha

libertadora. Esta estranheza para com o outro, digamos assim, é decorrente de um mal estrutural (conforme nos ensina o Magistério Social Católico), de um mal sistêmico, que produz o pecado, a pobreza e a morte. Mortes injustas. Este olhar que nos faz estranhos e insensíveis aos outros e outras vem de uma estrutura social que “não permite” que as pessoas possam ser e que “permite” que uma grande massa de descartáveis possa surgir, como Francisco já acusava na Exortação *Evangelii Gaudium*. Vivemos numa “globalização da indiferença” e dentro dela “os excluídos continuam a esperar” (EG, n. 54).

Assim como o mandamento “não matar” põe um limite claro para assegurar o valor da vida humana, hoje devemos dizer “não a uma economia da exclusão e da desigualdade social”. Essa economia mata. Não é possível que a morte por enregelamento de um idoso sem abrigo não seja notícia, enquanto o é a descida de dois pontos na Bolsa. Isto é exclusão. Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isto é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, em que o poderoso engole o mais fraco. Em consequência desta situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída. O ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo que se pode usar e depois lançar fora. Assim teve início a cultura do “descartável”, que, aliás, chega a ser promovida. Já não se trata simplesmente do fenômeno de exploração e opressão, mas de uma realidade nova: com a exclusão, fere-se, na própria raiz, a pertença à sociedade onde se vive, pois quem vive nas favelas, na periferia ou sem poder já não está nela, mas fora. Os excluídos não são “explorados”, mas resíduos, “sobras”. (EG, n.53)

Neste contexto, alguns defendem ainda as teorias da “recaída favorável” que pressupõem que todo o crescimento econômico, favorecido pelo livre mercado, consegue por si mesmo produzir maior equidade e inclusão social no mundo. Esta opinião, que nunca foi confirmada pelos fatos, exprime uma confiança vaga e ingênua na bondade daqueles que detêm o poder econômico e nos mecanismos sacralizados do sistema econômico reinante. Entretanto, os excluídos continuam a esperar. Para se poder apoiar um estilo de vida que exclui os outros ou mesmo entusiasmar-se com este ideal egoísta, desenvolveu-se uma globalização da indiferença. Quase sem nos dar conta, tornamo-nos incapazes de nos compadecer ao ouvir os clamores alheios, já não choramos à vista do drama dos outros nem nos interessamos por cuidar deles, como se tudo fosse uma responsabilidade de outrem, que não nos incumbe. A cultura do bem-estar anestesia-nos, a ponto de perdermos a serenidade se o mercado oferece algo que ainda não compramos, enquanto todas estas vidas ceifadas por falta de possibilidades, nos parecem um mero espetáculo que não nos incomoda de forma alguma (EG, n.54).

“Os excluídos continuam a esperar”... E se a sociedade não está para eles, e se eles ficam como mortos no meio do caminho, como estranhos, quem por eles poderá esperar? Esta é uma pergunta recorrente e que devemos fazer. Ainda: quem são “estes e estas” que a sociedade os transforma em sobras, em pobres, em pessoas sem vida e sem dignidade? Propositamente, usamos “estes e estas” na descrição na real intenção de demonstrar que a eles/elas a sociedade, em parte, não os/as considera como pessoa, como humanos, pois são coisas, sobras. Se não são pessoas, se não são humanos, não possuem direitos, são descartáveis, como que seus corpos fossem “irreais” e a sua precariedade não nos importa e não nos atinge, conforme diz Judith Butler: “Se a violência é cometida contra aqueles que são irreais, então, da perspectiva da violência, não há violação ou negação dessas vidas, uma vez que elas já foram negadas” (2022, p. 54). Infelizmente, esta mesma sociedade que avança em tecnologias e em novas descobertas e que hoje se vê às voltas com a Inteligência Artificial não se faz inclusiva para todos e todas. Em discurso para governantes e administradores por ocasião do Jubileu, o papa Leão XIV, chamando a atenção para a responsabilidade social, disse que “a vida pessoal vale muito mais do que um algoritmo” (2025c). Pessoas não são coisas, não são sobras, são humanos e necessitam ser tratados e resgatados em sua dignidade. É por esta razão que a pergunta de Gustavo Gutiérrez, feita em 1996, ainda se faz atual e profética, pois ela ousa questionar: “onde dormirão os pobres?” (Gutiérrez, 2003, p. 8). Quem esperará por eles? Quem será por eles?

O Novo Testamento nos diz que se Deus é por nós ninguém será contra nós (Rm 8,31); então, se a nossa experiência de fé nos diz que Deus é por nós, como é que nós poderemos ser para eles/elas? Como ser esperança para estes/estas que não têm vez e nem voz? Para estes/estas que não têm vida? Para estes e estas que são pessoas, de fato, mas que são negados em sua dignidade. Entra aí a atitude cristã de se colocar como próximo (Lc 10,37), em atenção à pessoa caída, para reerguê-la em sua vida e dignidade (Kuzma, 2024, p. 65-72). A atenção e sensibilidade

do caminhante é uma característica fundamental e exigente para o peregrino. Ser peregrino da esperança não é caminhar sozinho, num rumo pré-determinado e de forma isolada e individual. Ser peregrino da esperança é ser capaz de levar esperança em lugares onde ela não está, onde as pessoas não têm mais forças para esperar, é se colocar ao lado delas, se rebaixar e esperar com elas, sendo sujeito e suporte de esperança para aqueles e aquelas que já não podem esperar, para que, no futuro, eles possam esperar e agir em sua esperança. Ser peregrino da esperança é educar e ensinar a esperar, mesmo e apesar de tudo: educar para a esperança. Esta espera não será ilusão, desde que ela seja carregada e objetivada de uma prática correspondente com aquilo que se espera: o *esperar* e o *ato de esperar* (Moltmann, 2005, p. 31).

Seguindo sobre este tema dos desafios e das injustiças que atentam contra a esperança, apontamos que a pobreza nos interroga, ela nos constrange e ela nos interpela em nossa posição social e de fé. Dentro da perspectiva teológica latino-americana, os pobres são compreendidos como vítimas de uma sociedade que exclui e estes pobres possuem muitos rostos: o da mulher, do negro, do jovem, dos dependentes químicos, da comunidade LGBTQIAPN+, de pessoas em situação de rua, daqueles e daquelas que não têm acesso à moradia, saúde e educação. O Jubileu da esperança deve ser vivido principalmente para eles/elas, com eles/elas. São eles/elas que precisam mais. Frente as muitas individualidades que sofrem, a teologia latino-americana, em sua face libertadora, viu sempre nos pobres um sujeito coletivo. Cada rosto de pobre traz a denúncia de um pecado estrutural, de um mal sistêmico, de uma violência sofrida que exige de nós uma postura nova, um enfrentamento, num questionar da esperança que nos faz crer na Boa Nova de Jesus. Com os pobres se faz a opção por eles contra a pobreza, isto é, contra todo um sistema que oprime, exclui e que mata. Os pobres não são estranhos no caminho, mas pessoas, são humanos, são nossos irmãos e irmãs e merecem ser resgatados em sua humanidade, pois estão feridos em sua dignidade. Se o nosso modo de esperar não se resolve por enfrentar estas estruturas, a esperança se torna refúgio e não virtude, será ilusória e incapaz de agir. Esta será uma falsa esperança. Se ela se faz virtude, ela vem como dom que anima e se realiza numa caridade operante, como força mobilizadora que nos convida a caminhar.

A atenção para com os pobres e com os pobres nos exige ousadia e profetismo, amor e despojamento para estar e esperar com eles, para que juntos possamos ser e fazer algo novo. Em seus mais de 50 anos, a teologia latino-americana, de linha libertadora, fez dos pobres um lugar teológico e ao estar com eles cedeu a sua voz contra as injustiças. O seu teologizar também foi para eles “suporte de esperança”, fazendo-os sujeitos na vida e na história e em sua capacidade de esperar. Então, dentro da proposta evangélica, da práxis de Jesus, do que aprendemos do magistério católico, da caminhada teológica e com Francisco, de quem guardamos agradecida memória, o peregrinar da esperança, o projetar da esperança significa vida nova; quer dizer, espaços de vida em espaços de morte, ressurreição em meio a cruzes, liberdade em meio a opressão, justiça frente a injustiças. Em suma, esperança. Esperança a partir dos pobres e com os pobres (empobrecidos pelo sistema) e de todos aqueles e aquelas que são desprovidos de vida e humanidade.

Hoje, o mundo nos desafia e nos aponta feridas e fragilidades. Estes são apelos de esperança. É necessário mudar, é necessário avançar, é necessário sair e abrir outros caminhos e processos.

Peregrinos em uma Igreja profética e em esperança

Desde o início de nossa reflexão, fizemos questão de apontar às grandes urgências e desafios para a esperança, em realidades que nos confrontam e nos interpelam como Igreja e sociedade. Vimos isso como um convite para o qual todos e todas somos chamados. Agora, queremos chamar a atenção, mesmo que de forma breve, para os “peregrinos da esperança”, para aqueles e aquelas que atuam e que se dispõem a atuar neste processo, para estes e estas que são acolhedores deste chamado missionário, que exige compromissos e traz implicações. Questões como libertação, salvação, transformação de nosso tempo se dão por meio de um processo contínuo, de idas e vindas, mas que deve ser assumido por todos aqueles e aquelas que se veem tocados por esta causa e que se veem impelidos em agir em direção a esta realidade, numa intenção sociopastoral que se faz urgente e necessária.

Neste processo de esperança, o ser humano, inserido em contextos específicos, tem um papel fundamental, desempenhado pela sua práxis, que atende à esperança de todos e todas, em especial, dos pobres. Dentro da dinâmica que nos pede o Jubileu de 2025, o ser humano, inserido no meio em que vive, é o principal agente de sua libertação (a sua e de quem está a sua volta), ele é o responsável pelo mundo em que vive. Ele é chamado a ser sujeito, a transformar estruturas a partir de dentro, oferecendo a ele mesmo e aos outros, um novo espaço e uma nova possibilidade; espaços que entendemos ser de resistência, de vida e de esperança. Muitas vezes, conforme já insistimos, somos chamados a ser suportes de esperança para aqueles e aquelas que já não podem esperar, pois a vida hoje se percebe frágil, vulnerável, precária e, em muitos casos, o medo e/ou a insegurança nos impedem de ver os novos espaços e horizontes despertados pela esperança. Esta é uma missão, principalmente quando vemos um mundo marcado por desafios que confrontam e desafiam todo o conteúdo da nossa esperança e exigem de nós uma atitude profética.

Quando observamos também que o mundo atual (com seus apelos e desafios) é resultado de um processo histórico de exploração e de desigualdades para com o ser humano e a natureza, e que somente a construção de um novo paradigma pode nos apontar um novo caminho, a abertura a este fato e a construção de uma nova realidade depende, e muito, daquilo que vamos compreender sobre o ser humano e as suas relações. Na linha da Encíclica *Laudato Si'*, isso se dá no resgate/ou construção de harmonias fundamentais, com Deus/transcendente, com o próximo e com a Terra (LS, n. 66). Por esta razão, é que aquilo que buscamos refletir aqui ganha importância para o desfecho desta nossa proposta e serve como contribuição aos desafios almejados. Na linha do pensamento de Ignacio Ellacuría, jesuíta mártir da Igreja latino-americana, que ao falar da utopia e profetismo (seu último texto antes do martírio em 1989), fala do “impulso da esperança” (Ellacuría, 2000, p. 256), apontamos que se trata, então, de assumir o fato de que o ser humano, impulsionado pela esperança, se compreende de forma nova, como “nova criatura”, e exige e espera uma “nova terra”, que implica na construção de uma nova ordem, que se manifesta nos diferentes âmbitos da realidade econômica, social, política e cultural. Ellacuría fala ainda de um “novo céu”, dentro do horizonte profético e utópico do Reino de Deus (Ellacuría, 2000, p. 264-293). Eis aí as relações: Deus, o próximo e a terra, que são apontadas na *Laudato Si'*. Porém, elas devem ser precedidas por uma relação primeira, a do ser humano com ele mesmo, num novo entendimento do ser, na constatação de que ele próprio se observa em uma realidade nova, portanto, libertada e livre. Desta forma, este ser humano como pessoa é chamado a esperar, a um devir, a um horizonte livre e novo, capaz de dar sentido e razão à sua existência, melhor dizendo, à sua pró-existência, numa transcendência que se abre e permite que ele/ela possa ser.

Estas novas realidades que se exigem para este novo ser humano não nos são dadas como prontas, mas devem ser construídas em vista de um horizonte maior, de um bem comum, em espaços onde a justiça se faça presente. Isso é o que vislumbramos na Bula do Jubileu, ao falar da esperança e ao relacioná-la com a fé e o amor:

Assim deve ser; precisamos de transbordar de esperança (cf. Rm 15, 13) para testemunhar de modo credível e atraente a fé e o amor que trazemos no coração; para que a fé seja jubilosa, a caridade entusiasta; para que cada um seja capaz de oferecer ao menos um sorriso, um gesto de amizade, um olhar fraterno, uma escuta sincera, um serviço gratuito, sabendo que, no Espírito de Jesus, isso pode tornar-se uma semente fecunda de esperança para quem o recebe (n. 18).

Transbordar de esperança para que a fé seja jubilosa e que a caridade seja entusiasta. Assim, temos a esperança que se entrelaça na fé e juntas se realizam no amor: Fé, esperança e caridade. Três virtudes teológicas que se constituem em fonte de vida e força de transformação na história. Um transbordar de esperança que exige algo sincero, um toque e uma presença, vida e ação, para que a fé seja vivida realmente e para que o amor se manifeste e se faça pleno. Eis o encontro com os desafios da esperança que nos convidam a ser peregrinos num horizonte aberto e novo, em contato direto, em atenção aos apelos, no apoio da palavra que se encarna e que nos chama à responsabilidade. É aqui que entra o chamado para uma Igreja que é peregrina, portanto, em saída e sinodal.

O viver autêntico desta esperança será uma prática que se fará questionadora da realidade e é por esta razão que, ao falarmos de “peregrinos da esperança” e em atenção aos espaços de sua presença, temos em mente os muitos grupos de luta e resistência que ecoam na sociedade, de diversas expressões políticas, religiosas e culturais que, em

sua luta diária fazem valer aquilo que os garantem na própria condição do existir, ou no re-existir e no resistir. Se no início de nossa reflexão, nas motivações do Papa Francisco e frente aos desafios da Igreja e teologia latino-americana falávamos de grupos que são vulnerabilizados política e socialmente, agora ressaltamos que nestes mesmos grupos, estas pessoas são chamadas a ser sujeito de suas histórias e de seus processos de libertação. Para Gutiérrez (2000, p. 305), esta é uma ação da esperança cristã, que nos faz “radicalmente livres para comprometer-nos na práxis social, movidos por uma utopia libertadora”. Num mundo marcado pela violência e morte e por um sistema que exclui e impede mudanças estruturais, elas ressuscitam em esperança e reconstroem e reimaginam um espaço novo, um futuro, como reparação e justiça, com possibilidades já no presente, porque é de esperança. Uma esperança onde vidas importam (Douglas, 2021).

Em nossa mente, quando visualizamos estes grupos de resistência e de esperança, temos a imagem das mulheres, vítimas da violência e da luta por seus direitos – e que lutam; dos negros, vítimas da escravidão e da violência urbana das grandes cidades, de um racismo estrutural e sistêmico, histórico – e que lutam; dos povos indígenas, que veem na memória dos seus povos e na defesa da terra a identidade de todos – e que lutam; da comunidade LGBTQIAPN+ – e que luta; temos a imagem dos dependentes químicos e de pessoas em situação de rua, dos migrantes e refugiados, das crianças vítimas da violência e de abusos econômicos e sexuais, daqueles que padecem em hospitais ou a espera destes, e de tantos outros e outras que sobrevivem em nossas favelas e comunidades, vítimas de um mal sistêmico que produz violência, exclusão e morte – e todos eles/elas lutam incansavelmente. Eles resistem e re-existem, por isso existem. Essas pessoas e grupos humanos, nas mais diversas realidades em que se encontram, na construção de uma consciência crítica, nas suas resistências e esperanças, tornam-se agentes de sua própria libertação e podem construir ou se inserir em processos que favoreçam a construção de uma nova sociedade, de um espaço novo, de um novo tempo (Kuzma, 2021b, p. 92). Eles/elas são chamados a ser “peregrinos da esperança”, e nós com eles/elas; e para aqueles e aquelas que já não podem esperar, que estão sufocados em suas dores e capacidade de resistir, nós somos chamados a ser com eles/elas, a estar junto, para sermos suporte de esperança e garantir a possibilidade deste peregrinar, para que possam esperar. Conforme já dissemos, ser peregrino da esperança não é caminhar sozinho, mas ter a sensibilidade de caminhar com o outro, com a outra, com aquele/aquela para quem nós somos chamados e que devemos nos fazer próximos (Lc 10,37). É quando o caminho que foi aberto se transforma em vida, em vida nova. Nas palavras de Carlos Mendoza-Álvarez (2020, p. 20), este “é o início daquela espiritualidade que procede das chagas do corpo social ferido: uma experiência de dignidade, com resiliência e esperança, marcada pelo amor compassivo”. Se somos capazes de sentir, somos capazes de amar, e se podemos amar, é que podemos esperar, e se esperamos, é porque a fé se faz presente, fazendo aqui um ensaio com o *pathos* da teologia de Moltmann (2011; Cunha, 2020).

Este é, em nosso entendimento, o papel que deve ser assumido pela Igreja, por todos nós como cristãos e cristãs, colocando-se junto a essas pessoas e se inserindo nestas realidades em que elas se encontram, de modo encarnado, comprometido, compassivo. A Igreja deve ser isso, porque é sua essência; deve ser assim, porque é sua missão. Além disso, o nosso ser igreja deve oferecer para aqueles e aquelas que estão inseridos nestas realidades uma reflexão crítica da práxis que se está construindo, garantindo a eles um questionar crítico a partir da fé, libertador na história e como suporte de esperança. Se olharmos para isso tudo, considerando o tempo em que estamos vivendo, as muitas dores e sofrimentos que acompanhamos, esses peregrinos da esperança se fazem perceptíveis no esforço de muitos agentes que doam a sua vida pela vida de outros e outras. Pessoas que dedicam a vida a uma causa de vida e justiça, que doam de si mesmos, numa oferta contínua em favor da liberdade, dos direitos, na intenção de ser voz de quem já não pode falar, de ser os olhos de quem já não pode ver e de ser esperança de quem já não pode mais esperar. Uma teologia que se faz e se compreende libertadora e responsável deve atuar nesta direção, nestes muitos espaços de resistência, vida e esperança. Esta teologia alimenta a Igreja e, desta forma, ela se faz coerente, relevante e responsável. Devemos, então, ser todos e todas peregrinos da esperança, em todos os espaços em que se reclama a nossa presença e atenção. Isso é ser Igreja na profecia e na esperança.

Conclusão

Neste artigo, tivemos a intenção de tratar sobre os peregrinos no caminho da esperança, em atenção a um convite que nos chegou com o Papa Francisco e que nos pediu que, a partir deste convite, fôssemos capazes de perceber os desafios da realidade e o chamado para caminharmos juntos como Igreja, em saída e de forma sinodal. Este objetivo nos levou a avançar na compreensão que temos de esperança, que em seu sentido cristão se traduz por virtude e força e que tem no Cristo ressuscitado-crucificado todo o seu fundamento. Ao contemplarmos o ressuscitado, a esperança nos abre algo novo, assim ela nos mobiliza e nos impulsiona. Ao acolhermos o crucificado, a esperança nos compromete com os desafios do mundo, com realidades e pessoas concretas e junto a elas somos chamados a ser presença e a esperar, a sermos suporte de esperança. Todos esperam, diz o texto da Bula Papal, mas neste ato de esperar há fragilidades, há dores e sofrimentos, há realidades e desafios que não podemos esconder e devemos assumir. Nesta atenção desejada, vemos um transbordar de esperança, de uma fé jubilosa e de uma caridade entusiasta, bem como foi a intenção do Papa Francisco: fé intensa, esperança viva e caridade operosa. Deste modo, no acolhimento desta proposta, de maneira responsável, nós nos colocaremos como peregrinos no caminho de um Reino que nos chama e que temos o dever de construir. Frente aos desafios, a esperança nos exige um compromisso sociopastoral, que de forma coletiva nos insere em algo novo.

Terminamos, trazendo a memória de Francisco que, ao final da bula do Jubileu, nos disse: “Deixemo-nos, desde já, atrair pela esperança” (Francisco, 2024, n. 25). Que esta atração traga compromissos e que saibamos acolher as suas implicações.

Referências

- ALBINI, Christian. *L'enciclica di Lampedusa*. Em: 03/10/2013. Disponível em: L'enciclica di Lampedusa (SPERARE PER TUTTI) (typepad.com). Acesso em: 16/07/2025.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. Dignidade e direitos da mãe Terra. Edição Revista e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.
- CUNHA, Rogério Guimarães de Almeida. *A escatologia do amor*. A esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- DOUGLAS, Kelly Brown. *Resurrection hope: a future where black lives matter*. New York: Orbis, 2021.
- ELLACURÍA, Ignacio. Utopía y profetismo desde América Latina. Un ensayo concreto de soteriología histórica. In: ELLACURÍA, Ignacio. *Escritos teológicos*. Tomo II. San Salvador: UCA Ediciones, 2000. p. 233-293.
- FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, 2013.
- FRANCISCO. *Laudato Si'*. São Paulo: Loyola, 2015.
- FRANCISCO. *Fratelli Tutti*. São Paulo: Loyola, 2020.
- FRANCISCO. *Laudate Deum*. São Paulo: Loyola, 2023.
- FRANCISCO. *Carta do Papa Francisco ao arcebispo rino fisichella pelo jubileu 2025*. Roma: 11/02/2022. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2022/documents/20220211-fisichella-giubileo2025.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRANCISCO. *Spes non confundit*. Bula de proclamação do Jubileu ordinário de 2025. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/bulls/documents/20240509_spes-non-confundit_bolla-jubileo2025.html. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRANCISCO. *Santa missa pelas vítimas dos naufrágios. Homilia do Santo Padre Francisco*. Ilha de Lampedusa: 08/07/2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130708_omelia-lampedusa.html. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRANCISCO. Participação ao II Encontro Mundial dos Movimentos Populares. Discurso do Santo Padre. Santa Cruz de la Sierra: 09/07/2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/july/documents/papa-francesco_20150709_bolivia-movimenti-popolari.html. Acesso em: 16 jul. 2025.

FRANCISCO. Prólogo. In: PONTIFICIA COMISIÓN PARA AMÉRICA LATINA. *La irrupción de los movimientos populares: "Rerum Novarum" de nuestro tiempo*. Ciudad del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2019.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Onde dormirão os pobres?* São Paulo: Paulus, 2003.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da libertação: perspectivas*. São Paulo: Loyola, 2000.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

HAN, Byung-Chul. *O espírito da esperança*. Contra a sociedade do medo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2024.

KUZMA, Cesar. Acolher e proteger a fragilidade, promover e integrar na fraternidade. Olhando à migração desde a Encíclica *Fratelli Tutti*. In: LUSSI, Carmem; KUZMA, Cesar. (Org.). Brasília, DF: CSEM; CLAR, 2021. p. 201-225.

KUZMA, Cesar. Misión e identidad del pueblo de Dios. Una Iglesia en salida y llamada al Reino. *Concilium*, Madrid/España, 376, p. 39-48, 2018.

KUZMA, Cesar. Building hope from a fallen humanity: A Latin American theological perspective. In: CAVANAUGH, William T.; MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos; OKAFOR, Ikenna U.; PILARIO, Daniel F. (Eds.). *Fratelli Tutti: A Global commentary*. Eugene-Oregon: Cascade, 2024. p. 65-72.

KUZMA, Cesar. Novos agentes de libertação: resistência, vida e esperança em um mundo pandêmico. In: TOMITA, Luiza E.; ZWETSCH, Roberto E. *O mundo jamais será o mesmo: teologias de libertação em tempos de Pandemia*. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2021. p. 81-95.

LEÃO XIV. Saluto del santo padre leone xiv ai membri del consiglio ordinario della segreteria generale del sinodo dei vescovi. Cidade do Vaticano: 26/06/2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/it/speeches/2025/june/documents/20250626-consiglio-sinodo.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEÃO XIV. Audiência jubilar. Catequese do papa Leão XIV. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/audiences/2025/documents/20250614-udienza-giubilare.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEÃO XIV. *Discurso do papa Leão XIV aos participantes do Jubileu dos Governantes*. Cidade do Vaticano: 21/06/2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/speeches/2025/june/documents/20250621-giubileo-governanti.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

LEÃO XIV. *Audiência geral*. Cidade do Vaticano: 25/06/2025. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/leo-xiv/pt/audiences/2025/documents/20250625-udienza-generale.html>. Acesso em: 16 jul. 2025.

MENDOZA-ÁLVAREZ, Carlos. *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

MOLTMANN, Jürgen. *Teologia da esperança*. Ensaio sobre os fundamentos e as consequências de uma escatologia cristã. São Paulo: Loyola, Theológica, 2005.

MOLTMANN, Jürgen. *O Deus crucificado*. A cruz de Cristo como base e crítica da teologia cristã. Santo André, SP: Academia cristã, 2011.

MONTERO ORPHANOPOULOS, Carolina. *Vulnerabilidad*. Hacia una ética más humana. Madrid: Editorial Dykinson, 2022.

STENGERS, Isabelle. *En tiempos de catástrofes*. Cómo resistir a la barbarie que viene. Barcelona: NED, 2017.

ZIBECHI, Raúl. *Tiempos de colapso*. Los pueblos en movimiento. Bogotá: Ediciones desde abajo, 2020.

RECEBIDO: 16/07/2025
APROVADO: 19/08/2025
PUBLICADO: 27/08/2025

RECEIVED: 07/16/2025
APPROVED: 08/19/2025
PUBLISHED: 08/27/2025

Editor responsável: Waldir Souza